

Experiências de prática de tandem português/inglês em uma universidade do estado de Mato Grosso: dificuldades e desafios

Ana Carolina de Laurentiis Brandão, Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, Mato Grosso, Brazil

Resumen: Este trabalho tem como objetivo apresentar e discutir experiências de ensino-aprendizagem de português e inglês, vivenciadas em um projeto de extensão de uma universidade pública brasileira, localizada no estado de Mato Grosso. O projeto em questão tem o propósito maior de estabelecer parcerias de tandem via MSN Messenger, e conta com a participação de uma universidade dos Estados Unidos. O tandem é um contexto colaborativo de aprendizagem, pautado por uma parceria entre pessoas proficientes em duas línguas diferentes que buscam compartilhar conhecimentos linguísticos e/ou qualquer outro tipo de conhecimento. O aporte teórico deste trabalho é composto por considerações sobre o ensino de línguas mediado por computador, o contexto de tandem e a aprendizagem colaborativa. A perspectiva teórico-metodológica utilizada é a Pesquisa Narrativa, segundo Clandinin e Connelly (2000). Os textos de campo consistem em excertos de interações de três participantes do projeto com seus respectivos parceiros de tandem, e em relatos de experiência escritos por esses participantes e por mim, enquanto mediadora. Apesar de o projeto estar em andamento, foi possível perceber nos participantes dificuldades em lidar com a autonomia e a reciprocidade necessárias para aprender em contexto de tandem.

Palabras Clave: Pesquisa Narrativa, Ensino-aprendizagem de línguas, Contexto de tandem

Abstract: This paper aims to present and discuss teaching and learning experiences of Portuguese and English in a project developed at a Brazilian public university located in the state of Mato Grosso. The project counts on the collaboration of an American university and its main goal is to establish tandem partnerships via MSN Messenger. Tandem is a collaborative context in which two people proficient in different languages establish a partnership in order to exchange linguistic and/or cultural knowledge, or any other kind of knowledge. The theoretical foundations for this study are drawn from ideas in Computer Assisted Language Learning, tandem, and collaborative learning. Narrative Inquiry, according Clandinin and Connelly (2000), is used as the research methodology. The field texts involve excerpts of interactions between three participants of the project and their tandem partners, and narratives written by these participants and by me, as the mediator. Although the project is being developed, it was possible to realize that participants faced difficulties while dealing with the autonomy and reciprocity necessary for learning in-tandem.

Keywords: Narrative Inquiry, Language teaching and learning, Tandem



Considerações iniciais

A APRENDIZAGEM EM contexto de *tandem* pauta-se por uma parceria estabelecida em consenso entre duas pessoas proficientes em línguas distintas, que buscam compartilhar conhecimentos linguísticos, culturais, e/ou qualquer outro tipo de conhecimento. As sessões de *tandem* podem ser realizadas face a face ou por intermédio de meios de comunicação como a Internet (Telles e Vassallo, 2006, 2009). O *tandem* via Internet vem de encontro às considerações de autores como Moran (2001), Paiva (2001a, 2001b), Warschauer (1997), Warschauer e outros (2000), os quais ressaltam as possibilidades que o uso da Internet para fins pedagógicos oferecem aos aprendizes no sentido de desenvolverem sua autonomia e participarem de projetos colaborativos.

Interessei-me pelo *tandem* via Internet em 2008, quando me preparava para ingressar em um programa de Mestrado. Naquele período, eu já atuava como professora de língua inglesa no curso de Letras português/inglês da Universidade do Estado de Mato Grosso havia dois anos, e percebia que os alunos, do *campus* onde eu lecionava, tinham poucas oportunidades de uso desse idioma. Além disso, percebia que havia pouca ou nenhuma oportunidade de ensino de língua portuguesa como língua adicional. Ao entrar em contato com experiências de ensino-aprendizagem em contexto de *tandem*, acreditei que seria relevante, para a formação dos alunos de Letras, proporcionar oportunidades de se engajar nesse contexto, devido às questões mencionadas acima. Porém, o *tandem* contemplava outra questão importante para a formação desses alunos, a apropriação tecnológica, já que, na época, percebia também que muitos discentes tinham dificuldade em lidar com tecnologia, particularmente, com o computador.

Em 2009, elaborei um projeto de extensão envolvendo o processo de ensino-aprendizagem em contexto de *tandem* via Internet, no qual as parcerias eram estabelecidas através de *sites* de intercâmbio linguístico, como o *sharetalk.com*. Realizei minha pesquisa de Mestrado (Brandão, 2011) com discentes de Letras envolvidos nesse projeto, e, embora o objetivo inicial de pesquisa, fosse entender como a colaboração acontecia nas parcerias de *tandem*, acabei discutindo o processo de busca por parceiros de *tandem*, pois nenhum participante de pesquisa conseguiu estabelecer parceria. A experiência foi muito interessante, uma vez que me permitiu refletir sobre questões importantes relacionadas ao processo de busca por parceiros de *tandem* como, por exemplo, a necessidade de se mostrar disposto à negociação. Ademais, essa experiência me proporcionou momentos de discussão do papel do mediador nas sessões de *tandem* e de como esse papel se relacionava com meu *ser professora*.

Em 2011, o projeto¹ passou por reformulações e foi aprovado como extensão em interface com a pesquisa pela FAPEMAT (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso). Com o intuito de facilitar o estabelecimento de parcerias no contexto desse projeto, busquei a colaboração de universidades que ofereciam cursos de língua portuguesa, e firmei parceria para o desenvolvimento de *tandem* português/inglês com uma universidade dos Estados Unidos. No segundo semestre de 2011, os envolvidos no projeto que optaram por aprender inglês e ensinar português interagiram em contexto de *tandem* com um grupo de alunos da universidade colaboradora.

Neste artigo, meu objetivo é relatar e discutir as experiências de *tandem* português/inglês, vivenciadas por alguns desses envolvidos no projeto, e por mim, mediadora das sessões.

¹ Maiores informações sobre o projeto são apresentadas na seção de procedimentos metodológicos.

Mais especificamente, busco entender como esses participantes do projeto lidaram com os princípios norteadores do contexto de *tandem* (bilinguismo, reciprocidade, autonomia). Cabe salientar que este estudo foi realizado de acordo com a Pesquisa Narrativa (Clandinin e Connelly, 2000, 2005), e que por essa razão, sua escrita se dá essencialmente em primeira pessoa, e trago na introdução um breve relato de minha experiência como professora-pesquisadora.

A fim de atingir os objetivos mencionados, dividi este artigo em quatro partes. Na primeira seção, trago algumas concepções teóricas sobre o contexto de *tandem*. Em seguida, abordo os procedimentos metodológicos adotados neste estudo. Na terceira seção, apresento meu reconto das experiências de *tandem* português/inglês. Por fim, apresento minhas considerações sobre as experiências.

Eu colaboro, você colabora, nós aprendemos

Começamos pela definição da palavra “*tandem*”, que corresponde à bicicleta de dois assentos, a qual exige esforço conjunto dos ciclistas que a colocam em movimento, conforme bem destaca Souza (2007). Pela própria definição da palavra, é possível perceber a aprendizagem *in-tandem* como um contexto colaborativo. Passemos para algumas concepções teóricas sobre o *tandem* como um contexto de aprendizagem.

Calvert (1992) se refere ao *tandem* como um método que oferece aos aprendizes oportunidades para estudar uma língua adicional e questões culturais com a ajuda de falantes nativos. O autor destaca que esta prática de aprendizagem de línguas baseia-se em uma simples máxima: “você me ajuda a aprender, eu te ajudo a aprender e nós aprendemos a nos entender²” (Calvert, 1992: 17).

Em uma publicação conjunta, Brammerts e Calvert (2003) salientam que aprender em prática de *tandem* é ter acesso ao conhecimento do outro, e acrescentam:

“[...] aprender em *tandem* é aprender através da comunicação. Ambos os aprendizes devem dividir sua atenção entre a comunicação e o foco em sua aprendizagem e na aprendizagem do parceiro. Quanto melhor eles lidarem com a articulação desses dois níveis – comunicação e aprendizagem – mais eles se beneficiarão do seu trabalho conjunto”. (Brammerts e Calvert, 2003: 46)

Ainda nessa publicação, os autores destacam que os parceiros de *tandem* possuem facilidade para ajudar uns aos outros, uma vez que desempenham ao mesmo tempo os papéis de aprendiz e ajudante. Outras vantagens apontadas por Brammerts e Calvert (2003) são: presença de temas definidos por cada parceiro, inexistência de pressão para determinar métodos de aprendizagem ou conteúdo, impressão imediata dos benefícios da aprendizagem, e comunicação genuína com um nativo.

Telles e Vassallo (2006), assim como Calvert (1992), se referem ao *tandem* como um método. No entanto, em sua publicação de 2009, eles o definem como um contexto que consiste em “encontros estabelecidos em consenso por dois falantes de diferentes línguas que não são necessariamente nem nativos, nem professores com Licenciatura” (Telles e Vassallo, 2009: 21). Ao discutirem os papéis desempenhados alternadamente pelos parceiros de *tandem*, os autores optam pelos termos “aprendiz” e “especialista na língua”, ao invés de

² Foi traçado um paralelo com a máxima de Calvert (1997) para nomear esta seção.

“aluno” e “professor”, assim como Brammerts e Calvert (2003) fazem ao escolherem os termos “aprendiz” e “ajudante”. Todavia, as perspectivas dos autores divergem em relação à questão do nativo, visto que, para Telles e Vassallo (2006, 2009), é possível aprender uma língua em prática de *tandem* com um parceiro proficiente.

Em meus estudos sobre *tandem*, adoto a definição de Telles e Vassallo (2009). Primeiramente, por acreditar que os parceiros de *tandem* não precisam ser nativos, uma vez que a procura por parceiros nativos limitaria as chances de se estabelecer parcerias. Além disso, o culto ao nativo não corresponde às atuais expectativas de aprendizagem de um falante de língua adicional, especialmente, às apontadas por Graddol (2006: 87) para os falantes de inglês como língua franca, os quais buscam não mais se comunicar no idioma como um nativo, mas se tornarem “falantes bilíngues fluentes, que mantêm uma identidade nacional em termos de sotaque, e também possuem habilidades especiais necessárias para negociar compreensão com outros falantes não nativos”.

Também partilho das considerações de Telles e Vassallo (2009) por entender que o *tandem* se constitui como um contexto e não como método. Partindo da definição de método de Leffa (1988), penso que, durante a realização das sessões *tandem*, não há normas a serem seguidas para a aplicação de pressupostos teóricos da aprendizagem de línguas. Na verdade, existem princípios que o norteiam, mas estes não fazem do *tandem* um conjunto de regras de aplicação de pressupostos de aprendizagem.

Em relação aos princípios do *tandem*, são três: bilinguismo, reciprocidade, e autonomia. De acordo com Telles e Vassallo (2009), o princípio do bilinguismo serve para assegurar que as línguas envolvidas na parceria de *tandem* não serão misturadas, ou seja, no caso de um *tandem* português/inglês, uma sessão deverá ser destinada à comunicação em língua portuguesa e a outra à comunicação em língua inglesa. O princípio da reciprocidade, segundo os autores, envolve a alternância de papéis de aprendiz e especialista na língua. Essa alternância de papéis deve ser baseada em uma relação de aprendizagem pautada pela dependência recíproca e pelo compromisso mútuo entre os parceiros, conforme destaca Brammerts (1996). Já o princípio da autonomia relaciona-se ao poder de decisão dos parceiros de *tandem*, os quais podem decidir o quê, como e quando querem aprender a língua-alvo (Brammerts, 1996). Essa autonomia “não é concebida sem o outro, mas com o outro” (Telles e Vassallo, 2009: 32).

A relação entre colaboração e o contexto de *tandem* é apresentada por Salomão e outros (2009), ao pontuarem como o princípio da reciprocidade está relacionado à colaboração:

“[...] a colaboração, característica inerente ao contexto de aprendizagem em *tandem*, está intrinsecamente ligada ao princípio da reciprocidade. Isso porque, para estar inserido em um ambiente de troca mútua de línguas maternas ou estrangeiras, há de se ter o compromisso de oferecer tanto quanto se recebe, de modo a garantir um ambiente agradável e equilibrado para ambos os aprendizes de LE que se engajam na atividade, isto é, de modo a garantir um ambiente recíproco”. (Salomão *et al.*, 2009: 86).

Acredito que a colaboração também está presente no *tandem* em seu princípio de autonomia, já que ela é construída com o outro. Nesse sentido, a autonomia no *tandem* não remete apenas a dimensões individuais de aprendizagem e demanda negociação, pois os parceiros de *tandem* podem trazer consigo diferentes valores, crenças, e concepções sobre ensino-aprendizagem de línguas. A negociação é um ponto importante, uma vez que a maneira pela

qual ela é conduzida pode apresentar reflexos positivos ou negativos na parceria de *tandem* que se pretende estabelecer. Dentre as considerações sobre colaboração que vêm de encontro à maneira como o contexto de *tandem* se constitui, estão as de Dillenbourg (1999), o qual enfatiza a necessidade de espaço para negociar em situações colaborativas. Em uma perspectiva semelhante, Eshet-Alkalai (2004) afirma que a aprendizagem colaborativa envolve a disposição para aprender e compartilhar com o outro.

Como já mencionei no início deste artigo, a aprendizagem em contexto de *tandem* pode acontecer presencialmente, ou por meio da Internet. O *tandem* via Internet assume duas formas: *e-tandem* e *teletandem*. O *e-tandem* é desenvolvido de forma síncrona e assíncrona por meio de ferramentas como o *chat* escrito e o *e-mail*. Um exemplo de projeto que promove parcerias de *e-tandem* é o *Tandem: Histórias de ensinar Língua Portuguesa para falantes de outras línguas e aprender línguas estrangeiras via MSN Messenger*³, desenvolvido na Universidade Federal de Uberlândia. Já o *teletandem* é realizado por meio do uso de recursos audiovisuais de programas como o *MSN* ou o *Skype* (Telles e Vassallo, 2006, 2009). Um exemplo de projeto que contempla o desenvolvimento de *teletandem* é o *Teletandem Brasil: Línguas estrangeiras para todos*⁴.

Na seção seguinte, apresentarei o projeto de *tandem* desenvolvido na Universidade do Estado de Mato Grosso, bem como a metodologia utilizada neste estudo.

Concepções metodológicas

Este trabalho foi desenvolvido segundo os pressupostos teórico-metodológicos da Pesquisa Narrativa (Clandinin e Connelly, 2000), perspectiva que tem como objeto de estudo a experiência enquanto histórias vividas e contadas, e que entende o estudo desse objeto como uma forma de educar aos outros e a nós mesmos.

Tendo essa concepção de pesquisa como aporte, relatarei e discutirei experiências de ensino-aprendizagem em contexto de *tandem* português/inglês, vivenciadas por três envolvidos⁵ no projeto *Aprendendo e ensinando línguas in-tandem via Live Messenger* durante o segundo semestre de 2011, os quais serão apresentados logo mais. Indiretamente, participam também desse estudo seus respectivos parceiros de *tandem*. A seleção dos participantes de pesquisa se deu por meio de alguns critérios, como a disposição em participar do estudo e a realização de maior número de interações *in-tandem*.

O projeto *Aprendendo e ensinando línguas in-tandem via Live Messenger*, ainda em vigência, é desenvolvido em um *campus* da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), está aberto a qualquer interessado em aprender e ensinar línguas, e contempla a prática de *e-tandem* e/ou *teletandem* via *MSN* em três idiomas: português, inglês e espanhol. Embora no projeto também esteja prevista a realização de *teletandem*, as interações analisadas neste artigo assumiram a forma de *e-tandem*, já que enfrentamos problemas com a largura da banda de Internet disponível no *campus*. A procura por parceiros de *tandem* no projeto se dá de duas maneiras, por meio de *sites* de intercâmbio linguístico⁶ e de parcerias com universidades colaboradoras. A procura por universidades colaboradoras visa facilitar a aproximação de pessoas, cujos interesses possam se cruzar.

³ <http://www.ileel.ufu.br/tandem/projeto.asp>

⁴ <http://www.teletandembrasil.org/home.asp>

⁵ Por questões éticas, todos os nomes dos participantes apresentados neste estudo são fictícios.

⁶ <http://www.livemocha.com> ; <http://www.sharedtalk.com> ; <http://www.xlingo.com>

No período em que as interações *in-tandem* analisadas foram realizadas, as atividades do projeto aconteciam no Laboratório de Línguas da universidade de segunda à sexta, e eram monitoradas por mim, coordenadora do projeto, por uma bolsista, aluna de Letras português/espanhol, e por dois discentes do curso de Letras português/inglês que atuavam como voluntários. O primeiro encontro do projeto foi destinado a uma oficina sobre concepções de *tandem* e seus princípios, e sobre o funcionamento do projeto. Os demais foram destinados à busca por parceiros e à realização de sessões de *tandem*.

Os textos de campo envolvem trechos de interações *in-tandem* no *MSN Messenger* entre os três participantes deste estudo e seus respectivos parceiros, alunos de uma instituição colaboradora e membros de *sites* de intercâmbio linguístico, interações realizadas em um *site* criado para colocar os alunos da instituição colaboradora em contato com os participantes brasileiros, e mensagens enviadas nesse *site*. Além disso, utilizei-me de excertos de relatos de experiência escritos em janeiro de 2012 por mim, pelos participantes deste estudo, e por um participante indireto australiano⁷, membro de um site de intercâmbio linguístico. A análise desse material foi feita de acordo com a Composição de Sentidos (Ely, Vinz, Downing e Anzul⁸, 2001). Vale ressaltar que este estudo narrativo assume a forma de *telling* (Clandinin e Connelly, 2005), já que o processo de composição de sentidos e os relatos foram realizados após a vivência das experiências que recontarei aqui.

Um recontar de três experiências de prática de *tandem*

No segundo semestre de 2011, período em que os participantes deste estudo interagiram em contexto de *tandem*, contávamos com a colaboração de uma universidade dos Estados Unidos. O grupo de alunos dos Estados Unidos que colaborou com nosso projeto de *tandem* cursava uma disciplina de língua portuguesa nessa instituição, e sua participação no projeto era obrigatória, pois a experiência de realização de *tandem* português/inglês seria registrada na forma de um portfólio de tecnologia exigido pela professora da disciplina. Para os participantes brasileiros, não havia obrigatoriedade, quem se interessasse, poderia fazer sua inscrição e começar a frequentar os encontros do projeto.

Por julgar mais interessante que os alunos dos Estados Unidos e os envolvidos no projeto de *tandem* negociassem as parcerias entre si, foi criado um *site*⁹ com a ajuda de um aluno do curso de Licenciatura em Computação da universidade e seu orientador¹⁰. Esse *site* possuía ferramentas de *chat* escrito e de correio eletrônico, e também oferecia um espaço para que as interações realizadas no *MSN*, após o momento de negociação, fossem registradas. Os trechos de interações utilizados neste estudo foram retirados do *site* de *tandem* da UNEMAT, exceto os trechos de interações com membros de *sites* de intercâmbio linguístico, os quais foram enviados a mim por *e-mail*.

As interações com os alunos da universidade colaboradora aconteciam às sextas-feiras do meio-dia à uma da tarde¹¹, horário estipulado pela professora dessa instituição, pois contem-

⁷ Em nenhum momento, foram exigidos relatos dos participantes indiretos. Entretanto, esse interagente fez questão de escrever seu relato e achei interessante incluí-lo como texto de campo.

⁸ A citação desses autores é feita dessa maneira em respeito à reivindicação dos próprios autores.

⁹ <http://umadaar.com.br/tandem/>

¹⁰ Meus agradecimentos especiais ao discente Jônatas Oliveira e ao Prof. Esp. Juvenal Silva Neto, seu orientador na época.

¹¹ Horário de Brasília, Brasil.

plava o dia e horário destinado ao uso de tecnologia em seu planejamento da disciplina de língua portuguesa. Aqueles que interagiam com membros de *sites* de intercâmbio linguístico, podiam negociar dia e horários com seus pretensos parceiros. Dois dos três participantes deste estudo interagiram não só com alunos do grupo dos Estados Unidos, mas com membros dos *sites* de intercâmbio linguístico. Para apresentar e discutir as experiências com *tandem* português/inglês desses participantes, dividi meu reconto em três momentos. A seguir, trago as histórias de Gisele, na sequência, as histórias de João, e por fim, a história de Simone. Ao mesmo tempo, apresento os participantes.

As histórias de aprender e ensinar em contexto de *tandem* de Gisele

Gisele cursava o sexto semestre de Licenciatura em Letras português/inglês na UNEMAT e tinha optado por ensinar português e aprender inglês no contexto do projeto de *tandem*. Participava do projeto pela primeira vez, e seu interesse de participação se deu pela flexibilidade de horário e pela oportunidade de conhecer pessoas de outros países, conforme ela mesma pontua em um trecho de seu relato:

“Escolhi participar do *tandem*, porque já de início sua principal característica me agradou: aprender inglês com horários flexíveis e conhecendo pessoas e culturas de outros países”.

(Trecho do relato de Gisele em janeiro de 2012)

A questão da escolha de horário faz parte do princípio da autonomia (Brammerts, 1996; Telles e Vassallo, 2009), um dos norteadores do contexto de *tandem*. No caso da parceria com a instituição colaboradora, esse princípio era, de certa forma, cerceado, pois horários e dia eram pré-estabelecidos. Mesmo assim, Gisele se dispôs a interagir com uma aluna da universidade dos Estados Unidos. No entanto, o estabelecimento de parcerias com os alunos da instituição colaboradora passou por alguns percalços:

“Alguns alunos de Minnesota¹² não compareciam no *chat* do *site* de *tandem* para negociar parcerias no horário estabelecido, por isso, alguns participantes do projeto acabaram desistindo. Houve também participantes do projeto que não compareciam ao laboratório no horário marcado para a interação com os alunos dos Estados Unidos (...)”.

(Trecho do relato de Ana em janeiro de 2012)

Nesse trecho de meu relato, abordo a questão do comprometimento necessário para se estabelecer parcerias de *tandem*, questão que envolve a colaboração intrínseca ao princípio da reciprocidade (Salomão *et al.*, 2009), particularmente, o conceito de Eshet-Alkalai (2004). Nesse sentido, questiono se os participantes do projeto e alunos da instituição colaboradora estavam realmente dispostos a aprender e a compartilhar conhecimento. Gisele também aborda essa questão em um trecho de seu relato:

“(...) eu tive também uma parceria com uma estudante de Minnesota, que não foi bem sucedida por ela não estar online nas vezes que combinamos e apesar de ter os mesmos

¹² Foram colocadas tarjas em alguns trechos das interações para preservar a identidade dos participantes.

interesses, gostos e idade que eu, ela não ter demonstrado a responsabilidade suficiente e interesse pelo projeto”.

(Trecho do relato de Gisele em janeiro de 2012)

É possível perceber nesse excerto do relato de Gisele que a parceria com a estudante da universidade colaboradora não foi bem sucedida. De acordo com a participante, elas tinham os mesmos interesses, e a não realização da parceria aconteceu pela falta de responsabilidade e empenho no projeto. Acredito que elas não tinham o mesmo interesse: o de interagir em contexto de *tandem*. Vejamos a história de *tandem* de Gisele com a aluna da instituição colaboradora, por meio de trechos de algumas interações e mensagens¹³:

Taylor¹⁴ fala com Gisele: ola

Gisele fala com Taylor: what is your msn adress?

Taylor fala com Gisele: my windows live id is phan.d.tt@gmail.com, what is yours i can add you

Taylor *fala com Gisele: what is your msn e-mail?*

Gisele fala com Taylor: gegeh_2006@hotmail.com

Taylor *fala com Gisele: ok i added you*

(Excerto da interação Gisele/Taylor em 14/10/12 - *chat site UNEMAT*)

Elas começam a negociar a parceria no *site* de *tandem* da UNEMAT, mas não avançaram na negociação em uma de suas primeiras interações no *MSN*:

**Gisele diz: Then..Do you have a tandem-partner yet?*

Gisele diz: hm.. I was talking with you .. and you went offline :X

Taylor diz: i have another one, but she does not go on the internet very often. i can be your tandem partner, if you'd like

**Gisele diz: It's better we meet better eatch other first.. right?*

**Taylor diz: my professor told me to speak in portuguese for a little bit too. is that ok?*

Gisele diz: Ok .. But .. Don't you need leave me now?

(Excertos da interação Gisele/Taylor em 4/11/12 – *MSN*)

Primeiramente, Gisele reclama que ficou esperando Taylor para interagir e pergunta se ela já tem parceiro de *tandem*. Em outro momento da interação, Gisele sugere um tema para a sessão, perguntando se Taylor não acha que seria melhor se conhecerem antes. E, em outro trecho, Taylor chama a atenção de Gisele quanto ao uso do português.

Percebo dificuldades em lidar com todos os princípios do *tandem*: o bilinguismo por não dedicarem a mesma quantidade de tempo para as línguas envolvidas, a reciprocidade, pelo fato de Taylor aparentemente não ter honrado o compromisso de interagir com Gisele na sexta anterior, e a autonomia por não terem negociado o quê e como queriam aprender ao longo dessa sessão de *tandem*, embora Gisele tenha sugerido um tema. A questão da falta de reciprocidade também esteve presente em outro excerto de interação:

¹³ Os trechos *negritados* referem-se aos dizeres dos participantes diretos deste estudo.

¹⁴ Como as interações foram gravadas em *Word*, foi possível mudar os verdadeiros nomes para nomes fictícios.

Gisele diz: ah.. I mean .. I was here .. since 13 pm.

Taylor diz: oh hahaha

(Excerto da interação Gisele/Taylor em 11/11/12 – MSN)

Taylor não compareceu no horário estipulado nesse dia de interação, e durante duas semanas não compareceu ao MSN para interagir com Gisele. Duas semanas depois, Taylor enviou-lhe um *e-mail* se justificando. Nesse período, Gisele reclamou sobre a postura da parceira, sugeri que ela entrasse em contato com Taylor, mas ela não o fez. As duas interagiram por mais uma vez e a parceria teve fim. Gisele havia encontrado um parceiro de *tandem* no *site livemocha.com*, com o qual interagia ao mesmo tempo em que interagia com Taylor, e me disse que não gostaria mais de tentar desenvolver parceria de *tandem* com a estudante da instituição colaboradora.

Durante as interações com Kevin, o parceiro australiano, Gisele se sentiu a vontade para lidar com os princípios que norteiam o contexto de *tandem*:

**Gisele diz: and you would like to practise .. what?*

Kevin diz: simply speaking. You can ask me things and I will answer

Gisele diz: Do you want I correct you if you write something wrong?

Kevin diz: Yes, of course. Please, you need to correct me. Otherwise I will do it wrong again and again

**Gisele diz: when I use wrong .. do you correct me?*

(Excertos da interação Giovana/Kevin em 13/10/11 - MSN)

Nessa primeira interação de Gisele com Kevin no MSN, foi possível perceber que Gisele se sentiu capaz de exercitar a construção da autonomia com o outro, ressaltada por Telles e Vassallo (2009), quando negociou o quê e como aprender, e como queria ser corrigida. Também foi possível perceber que Gisele exerceu o princípio da reciprocidade, quando se mostrou interessada na aprendizagem do outro, ao dar oportunidade para que Kevin apontasse suas escolhas metodológicas. Entretanto, esses parceiros tiveram dificuldades em lidar com o bilinguismo:

Gisele diz: e sua resposta foi boa.

Kevin diz: yes, I know. That's why I wrote that

(Excerto da interação Gisele/Kevin em 13/10/11 - MSN)

Embora, tenham enfrentado dificuldades em relação ao bilinguismo, Gisele e Kevin foram aprendendo a lidar com esse princípio ao longo de outras interações. A parceria por eles estabelecida foi importante no sentido de que ambos tiveram oportunidades de compartilhar e construir conhecimentos linguísticos e para que abordassem outros aspectos, além do linguístico:

Gisele diz: É uma boa pergunta (without r because it isn't not verb .. perguntAR is TO ask)

(Excerto da interação Gisele/Kevin em 13/10/11 - MSN)

Gisele diz: what vision you have of Brazil?

Kevin diz: since i was in brazil last year (in porto alegre, rio grande do sol and porto seguro, bahia) i like brazil very much and the culture

(Excerto da interação Gisele/Kevin em 20/10/11 - MSN)

Kevin diz: em ingles usa muito as palavre "this is killing me"

(Excerto da interação Gisele/Kevin em 21/11/11 - MSN)

Nos relatos escritos de Gisele e Kevin, ambos apontaram vantagens e desvantagens da experiência de aprender e ensinar em contexto de *tandem*:

(...) o projeto tem pouca ou nenhuma desvantagem, uma vez que apesar de a diferença de horário (13 h) atrapalhar um pouco, pudemos nos organizar e conversar, por vezes, até 10 horas por semana. (...) com respeito às vantagens, posso destacar o fato de podermos escolher o que aprender e quando aprender (...). Ensinar a minha língua nativa não foi uma tarefa tão fácil quanto pode parecer. Apesar de estar em formação para a carreira de professor, eu não o sou ainda, e mesmo falando bem a minha língua, houve questões em que eu sentia dificuldade e precisava recorrer à gramática ou ao dicionário para poder ajudar o meu parceiro.

(Trechos do relato de Gisele em janeiro de 2012).

One of the disadvantages of the programme is that you must be on a fairly good language level of the other one's native language, otherwise understanding becomes very difficult. Another disadvantage is that you do not always have time for having another online class because of the big time difference between Australia and Brazil. (...) the most important and positive conclusion from this programme I drew was: I have not only learned the other one's grammar and language but learned a lot about my own native language, too.

(Trechos do relato de Kevin em janeiro de 2012)

Gisele e Kevin apontam dificuldades como a diferença de horário e a necessidade de ter um bom conhecimento na língua que se deseja aprender, mas acredito que ambos conseguiram lidar com elas ao longo das sessões de *tandem*, pois articularam os princípios da reciprocidade e autonomia. Uma questão importante, a meu ver, nesses relatos, é a oportunidade de aprender sobre sua própria língua, pontuada por ambos. Especialmente, para Gisele, acredito que a alternância dos papéis de aprendiz e especialista na língua (Telles e Vassallo, 2009), contribuiu para sua formação de licencianda em português e inglês, já que em sua futura atuação profissional poderá trabalhar não só com a língua que buscava aprender no *tandem*, mas com sua língua materna, o português.

Gisele perguntou-me se eles poderiam realizar as sessões em casa porque gostariam de também utilizar recursos de áudio e vídeo em suas interações. Uma vez que a largura da banda de Internet disponível no campus não comportava a execução de *teletandem*, permitiu que as interações fossem realizadas em casa. A parceria de *tandem* dos dois continua, e Gisele irá desenvolver um trabalho de conclusão de curso sobre essa experiência.

As histórias de aprender e ensinar em contexto de *tandem* de João

João terminava o terceiro semestre de Letras português/inglês na UNEMAT e atuava como monitor voluntário no projeto. Interessou-se em participar do projeto pela curiosidade e possibilidade de aprender outro idioma, no caso, o inglês:

“Ao iniciar o Projeto de *Tandem* estava cheio de motivação e dúvidas. Não havia vivenciado nada parecido ainda durante a minha trajetória acadêmica. (...) Entrei no projeto como bolsista voluntário, para colaborar e aprender mais sobre outro idioma”.
(Trechos do relato de João em janeiro de 2012)

Entretanto, João também possuía outro interesse, o de desenvolver trabalhos acadêmicos. João representou o projeto em circunstâncias acadêmicas, como um evento de extensão promovido por outro *campus* da universidade, e em uma semana de Letras do *campus* onde fazia a graduação.

Como se dispôs a atuar como monitor voluntário no projeto, sugeri a ele que procurasse por parceiros de *tandem* em *sites* de intercâmbio linguístico, antes das inscrições serem abertas, pois isso o ajudaria no momento em que fosse auxiliar os engajados no projeto. Durante essa busca, João enfrentou algumas dificuldades:

“O início foi desanimador, pois a procura por parceiros foi bem cansativa (...). (...) mandávamos muitos emails, e não encontrávamos nenhuma resposta positiva. Muitos do quais enviamos mensagens sequer respondiam. Mas aos poucos isso melhorou, acabei encontrando alguns prováveis parceiros, que tornaram a busca mais agradável e motivadora”.
(Trechos do relato de João em Janeiro de 2012)

Na época, João pontuou essas reclamações para mim. Aconselhei-o a prestar mais atenção na forma como negociava parcerias, já que nem todos os membros do site estariam interessados em estabelecer parcerias de *tandem*, ou poderiam vir a estar, mas não sabiam o que era aprender nesse contexto. Em meu relato, abordo essa questão:

“Alguns participantes do projeto se irritavam quando não encontravam parceiros nos sites (...). Achei que seria relevante apontar que, às vezes, o “problema” não estava no outro, mas na forma como negociavam”.
(Trechos do relato de Ana em janeiro de 2012)

A negociação é sempre um ponto importante em situações colaborativas (Dillenbourg, 1999), particularmente, no contexto de *tandem*. No entanto, penso que negociar é um exercício, e João foi aprendendo a lidar com essa questão. Acabou encontrando uma possível parceira do Egito no *site livemocha.com*, proficiente em inglês e que desejava aprender português. Em sua primeira interação, João teve dificuldades em lidar com o bilinguismo e a autonomia do *tandem* (Telles e Vassallo, 2009):

Dayse diz: ok
ask me any question i will reply
João diz: *Let's start with the Portuguese?*

Ok

Dayse diz: ok

João diz: First lesson

João diz : animal names

Cow - vaca

DOG - Cachorro

Ok

(Excerto da interação João/Dayse em 22/09/11 no *MSN*)

Nessa primeira interação, não houve negociação acerca da maneira como gostariam de aprender a língua-alvo. Além disso, quando João opta por ensinar os “animais” em português acaba ferindo o princípio do bilinguismo de que as línguas não podem se misturar (Telles e Vassallo, 2009), quando poderia ter usado do recurso imagem para mostrar a Dayse que animais eram aqueles. João se queixou muito da dificuldade de ensinar português; eu lhe disse que um possível ponto de partida seria perguntar à sua parceira o quê e como queria aprender. Percebi dificuldades em relação à autonomia também na interação seguinte, na parte destinada ao inglês:

João diz: Ok What is first lesson?

Dayse diz: tell me ur question

(Excerto da interação João/Dayse em 22/09/11 - *MSN*)

Ao perguntar qual seria a “primeira lição”, João põe toda a responsabilidade de sua aprendizagem em sua parceira, quando os dois precisariam pensar sobre isso em conjunto. Em outro trecho da mesma interação, João tem dificuldade em negociar a alternância de papéis de aprendiz e especialista na língua:

João diz: Yes. But I need teach some things. We need talk in Portugues.

Dayse diz: yesssss

João diz: So I use only the Portuguese.

Dayse diz: cant u speak with english?

João diz: No

Dayse diz: why ?

João diz: only Portugues

Dayse diz: mmmmmmmmmmmmmmmmmmmmmmm

but u use english well in writing

(Excerto da interação João/Dayse em 22/09/11 no *MSN*)

Percebi que João não conseguiu negociar a reciprocidade (Telles e Vassallo, 2009). Naquele momento, ele me perguntou o que poderia fazer, porque, em sua opinião, a parceira não queria aprender português. Disse a ele que isso era possível, que talvez ela não estivesse tão empenhada em aprender português e quisesse apenas um bate-papo, o que não se configuraria como *tandem*. Aconselhei-o a tentar negociar, mas João preferiu tentar parceria com alunos da instituição colaboradora:

I am João. I like teach Portugues and learn Inglês. Do you like to be my partner?

(Mensagem enviada por João a Beth em 14/10/11 – *site UNEMAT*)

João envia uma mensagem a Beth convidando-a para ser sua parceira de *tandem*, na semana seguinte, acontece a primeira interação dos dois no *MSN*:

João diz: Olá Hello

Beth diz: Hello how are you?

João diz: weel weel. and you

Beth diz: i'm well, just sleepy Are you excited for the weekend?

João diz: you're part of the university project with Brazil?

Beth diz: Yes você quer falar em Inglês para mais 10 minutos, em seguida, em português?

João diz: You know how the Tandem project?

Beth diz: Yes, we are supposed to talk for 30 minutes in each language

(Excerto da interação de João/Beth em 21/10/11 no *MSN*)

A troca de parceira não eximiu João da necessidade de negociar. Nesse trecho, João precisa tratar da reciprocidade, pois eles haviam acabado de iniciar a sessão e Beth propôs que usassem o inglês por mais dez minutos e deixassem o tempo restante da interação para usar português. João pergunta se ela sabe como o projeto funciona, na tentativa de mostrar que ela deveria dedicar a mesma quantidade de tempo para a língua que ele desejava aprender, entretanto, ele acaba não argumentando sobre essa questão e os dois começam a usar o português. Na sexta seguinte, Beth não comparece ao *MSN*, e os dois voltam a interagir no dia quatro de novembro:

João diz: Yes. I player Counter Strike and listen music. And you?

Too Drink Terere.

Beth diz: Cool, that sounds like fun.

I made some food with my friends and watched a movie*
movie*

*Beth diz: é fruta, e nozes e mais

João diz: Também não é suca. Sim açúcar. Fruta é Fruta. Ok

Beth diz: obrigada

(Excertos da interação João/Beth em 04/11/12 no *MSN*)

Embora não tenham decidido como queriam ser corrigidos, percebo nesses excertos dificuldades em lidar com a reciprocidade, no sentido de oferecer ao parceiro o que se recebe (Salomão *et al.*, 2009), uma vez que Beth não corrigiu João ao longo da sessão, mas João a corrigiu. Os dois interagiram duas vezes mais. Beth não demonstrava compromisso:

João diz: bem. Vocês mudaram o horário?

Beth diz: mudar? não,

(Excerto da interação João/Beth em 18/11/11 no *MSN*)

João pergunta se houve mudança de horário porque, na sexta anterior, Beth não compareceu ao *MSN* para que realizassem a sessão de *tandem*. Acredito que teria sido mais interessante se João tivesse chamado a atenção de Beth pela falta de compromisso. A parceria dos dois terminou em dezembro. Em seu relato, João pontua algumas dificuldades e aspectos positivos das experiências de *tandem* que viveu:

Em algumas interações houve a quebra do princípio do bilinguismo, que pode ter ocorrido em virtude dos participantes de outro país não conhecerem os princípios que norteiam o *tandem* (...). As interações desenvolvidas no projeto contribuíram com o meu aprendizado de leitura e escrita na língua inglesa, uma vez que melhorei a construção de frases e consegui aplicar o conteúdo aprendido em sala de aula. Pois o projeto oportunizou o uso da língua em situações cotidianas, sem que notasse estar estudando outro idioma (...). Na busca, pudemos estabelecer contato com pessoas de todo o mundo, que trouxeram para os encontros aspectos da sua cultura, isso contribuiu para aumentar o vocabulário, e entender seu cotidiano.

(Trechos do relato de João em Janeiro de 2012)

João apresenta em seu relato dificuldades em relação aos princípios do *tandem*, mas devido ao fato dos participantes indiretos do projeto não os conhecerem. Todavia acredito que João também enfrentou dificuldades em lidar com os princípios do *tandem*. Acerca dos aspectos positivos, João trata de sua evolução no âmbito linguístico e da oportunidade de entrar em contato com culturas diferentes. Penso que, embora suas parcerias não tenham sido bem sucedidas, as experiências com *tandem* português/inglês que ele viveu realmente foram significativas nesse sentido.

A história de aprender e ensinar em contexto de *tandem* de Simone

Simone, diferentemente dos outros participantes deste estudo, não era aluna de Letras, era funcionária administrativa do *campus* e já participava do projeto há dois semestres. O interesse em participar do projeto de Simone se dava pelo desejo em melhorar seu inglês. Simone havia participado como aluna especial de minhas aulas de língua inglesa, também já havia feito um curso de idiomas, e viu no projeto a oportunidade de aprender o idioma em uso, conforme relatado por ela:

“(...) quero aprender a usar a língua, já sei a gramática, preciso desenvolver minha comunicação em inglês (...)”

(Trecho do relato de Simone em janeiro de 2012)

Os anseios de Simone vêm de encontro às considerações sobre o contexto de *tandem* apresentadas por Brammerts e Calvert (2003), os quais afirmam que aprender um idioma nesse contexto é aprender por meio da comunicação. Embora possa parecer que Simone estivesse mais interessada em aprender inglês, nas primeiras interações com o parceiro da instituição colaboradora, ela demonstra interesse na aprendizagem do outro:

Simone diz: why do you want to learn portuguese?

Peter diz: porque um idioma é necessário para o meu major. e eu quero possivelmente fazer negócios internacionais em Brasil Por que voce quer aprender ingles?

Simone diz: I want to learn English because I'd like to travel in my vacation to US do you want to be my friend of tandem? or tandem partner?!!!

(Excerto da interação Simone/Peter em 21/10/11 - MSN)

Simone, ao contrário dos outros participantes, firmou parceria de *tandem* apenas com um estudante da instituição dos Estados Unidos, Peter. Na interação seguinte, Simone pergunta a Peter como ele gostaria de aprender português:

Simone diz: como deseja aprender português: através de textos, chat livre? ou outra maneira? eu quero aprender English, mas quero que você aprenda português.

Peter diz: outra maneira! ambos som bom para mim. e voce quer aprender ingles? eu poderia ajudar a ensinar ingles voce if voce gostaria

Simone diz: yes!!!!

Peter diz: voce quer se econtrar duas vezes por semana para falar? um dia eu poderia te ensinar ingles, no outro dia voce poderia me ensinar portugues?

Simone diz: ótimo!!!!

(Excerto da interação Simone/Peter em 04/11/11 no MSN)

Percebo que Simone exerce o princípio da autonomia no *tandem* (Brammerts, 1996; Telles e Vassallo, 2009), ao perguntar como Peter queria aprender português, entretanto, ele não lhe ajuda a definir como compartilharia seus conhecimentos de língua portuguesa. A autonomia também está presente quando decidem se encontrar em outro dia além da sexta-feira, dia estipulado pela professora da universidade colaboradora. Em outra interação, no momento que em combinam o dia, Simone pergunta mais uma vez como Peter gostaria de aprender:

Simone diz: sim... então vamos tentar nosso próximo encontro (Wednesday 14:30 for you) and in Brazil 17:30 for me. Ok? como deseja aprender português: por textos, diálogo livre ou gramática?

Peter diz: todos os itens acima! e como voce quer aprender ingles?

Simone: através de todos os itens acima.

(Excerto da interação Simone/Peter em 09/11/11 - MSN)

Simone tenta articular a coconstrução da autonomia, mas o parceiro não a ajuda mais uma vez. Em contrapartida, Simone também não o ajuda quando ele faz a mesma pergunta. Os dois passaram a interagir duas vezes por semana, um dia era destinado ao uso do português e o outro ao uso da língua inglesa. Para compartilhar seu idioma, Simone precisou fazer suas escolhas metodológicas de forma solitária:

Simone diz: quero que descreva sua manhã de hoje em português... que horas você levantou? o que comeu no café da manhã? trabalhou hoje pela manhã?

Peter diz: Leventou as 8:15 da manha, e eu tinha alguns cereais e iogurte no cafe da manha. i nao trabalho nesta manha

Simone diz: agora vou fazer algumas correções no seu texto, certo?

(Excerto da interação Simone/Peter em 11/11/11 - MSN)

Simone faz correções no texto de Peter, mas ele não correspondia às expectativas de Simone em relação a esse ponto:

Simone diz: Oh, wonderful.. I will work saturday morning...cleaning my house afternoon..at nighth I and my husband go to church.... correct me please I need to improve my English...help me..

(Excerto da interação Simone/Peter em 02/12/11 no MSN)

Simone pede a ajuda de Peter porque ele não a corrigia durante suas tentativas de usar o inglês. Nesse sentido, percebo dificuldades em articular a reciprocidade no *tandem* (Salomão *et al.*, 2009). Nas interações dos dois, também houve dificuldades em respeitar o princípio do bilinguismo (Telles e Vassallo, 2009):

Simone diz: "apenas eu" ok. understand... what will you do next weekend?

Peter diz: Eu trabalho um pouco, e eu também estarei a festejar com meus amigos. e você?

(Excerto da interação Simone/Peter em 02/12/11 no MSN)

Simone diz: oh, Parabéns!!!! quando termina suas aulas?

Peter diz: I am done on the 20th of December e voce>?

(Excerto da interação Simone/Peter em 14/12/11 no MSN)

Simone não negocia a questão de não misturarem as línguas, mas já havia negociado-a em outras ocasiões:

Simone diz: hoje falaremos só em português e no nosso próximo encontro falaremos só em Inglês....ok?

(Excerto da interação Simone/Peter em 11/11/11 - MSN)

Simone diz: today we go to speak in portuguese, right???? I need that you help me...

(Excerto da interação Simone/Peter em 16/11/11 - MSN)

Os dois interagiram até o fim de dezembro de 2011. Perguntei a Simone porque a parceria teve fim, ela me disse que havia apagado Peter de sua lista de contatos no MSN por engano. Acredito que ela já não se mostrava tão disposta a interagir em contexto de *tandem*. Acerca dos pontos positivos da experiência, em seu relato, Simone trata sobre a aprendizagem do inglês:

Meu inglês melhorou bastante, mas gostaria de poder fazer o *tandem* por voz.

(Trecho do relato de Simone em janeiro de 2012)

Em seu relato, Simone não tratou sobre o ensino do português durante a experiência com o *tandem*, apenas mencionou que não teve dificuldades com isso. Um ponto negativo para Simone, em meu entender, foi o fato de as interações serem somente escritas. No entanto, acredito que o *e-tandem* também se constitui como uma oportunidade viável para construir conhecimento linguístico.

Considerações sobre as experiências: dificuldades e desafios

Por meio da discussão apresentada sobre três experiências de *tandem* português/inglês neste artigo, foi possível perceber que os participantes deste estudo enfrentaram dificuldades em articular os princípios do *tandem*, principalmente, a reciprocidade e a autonomia. Acredito que as dificuldades em lidar com os princípios do *tandem* estão relacionadas à falta de espaço para negociação, ponto crucial em contextos colaborativos de aprendizagem como o *tandem*. Entretanto, é preciso salientar que negociar é um exercício.

Embora, houvesse uma parceria com uma instituição colaboradora, o que se configurava como uma possibilidade de aproximação de pessoas que possuíam interesses semelhantes, apenas uma participante dos três envolvidos neste estudo continuou sua parceria de *tandem*, mas com um membro de *site* de intercâmbio linguístico. Penso que essa participante deu continuidade à parceria porque aprendeu a articular os princípios do *tandem* em conjunto com seu parceiro. Portanto, há de se considerar o outro em interações *in-tandem*, já que, em alguns momentos, foi possível perceber que nem todos os participantes indiretos deste estudo estavam dispostos a aprender e a compartilhar nesse contexto, o que também dificultou a articulação dos princípios. Essas questões relacionam-se, a meu ver, com os desafios para a prática de *tandem*. Um desses desafios é aprender a negociar com o parceiro, o outro é encontrar pessoas que estejam dispostas a aprender em contexto de *tandem* ou a aprender a interagir nesse contexto.

Mesmo não tendo como foco dessa discussão a construção de conhecimento linguístico, não posso deixar de mencionar que as experiências de interação *in-tandem* se configuraram como oportunidades para coconstruir esse tipo de conhecimento, uma vez que foi possível perceber que os participantes deste estudo apontaram melhoras significativas em relação ao uso da língua-alvo, e aprenderam sobre sua própria língua nas tentativas de compartilhá-la com seus parceiros. Sendo assim, particularmente no que diz respeito à formação de alunos do curso de Letras, a prática de *tandem* também se configura como uma possibilidade de contribuir nesse sentido.

Penso que seria interessante estudar como as experiências de *tandem* vivenciadas pelos participantes deste estudo repercutiriam em futuras experiências com *tandem*, ou como essas experiências repercutiriam na formação de professores de línguas, no caso dos participantes que eram estudantes de Letras. Todavia, isso é um tema para futuros estudos, acredito que o contexto de *tandem* é muito rico e ainda há muito que se discutir sobre ele.

Referencias

- Brandão, A. C. L. (2011). *Shall we dance? Colaboração e histórias do processo de busca por parceiros de tandem*. 184 f. 2011. Dissertação de Mestrado. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística.
- Brammerts, H. (1996). “Tandem language learning via the Internet and the international e-mail tandem network”. En: D. Little e H. Brammerts (eds.), *A guide to language learning in tandem via the Internet* (pp. 9-22, Ch. 1), Dublin: Trinity College.
- Brammerts, H. e Calvert, M. (2003). “Learning by communicating in tandem”. En: L. Walker e T. Lewis (eds.), *Autonomous language learning in tandem* (pp. 45-60, Ch. 2), Sheffield: Academic Electronic Publications.
- Calvert, M. (1992). “Working in tandem: peddling an old idea”. *Language Learning Journal* 6/1, 17-19.
- Clandinin, D. J. e Connelly, F. M. (2000). *Narrative inquiry: experience and story in qualitative research*. San Francisco: Jossey-Bass.
- (2005). “Narrative inquiry”. En: J. L. GREEN, G. CAMILLI e P. B. ELMORE (eds.), *Handbook of complementary methods in education research* (pp. 477-488), Washington DC: American Educational Research Association.
- Dillenbourg, P. (1999). “What do you mean by collaborative learning”. En: P. Dillenbourg (ed.), *Collaborative learning: cognitive and computational approaches* (pp. 1-19, Ch. 1), Oxford: Elsevier.
- Ely, M., Vinz, R., Downing, M. e Anzul, M. (2001). *On writing qualitative research: living by words*. New York: RoutledgeFalmer.
- Eshet-Alkalai, Y. (2004). “Digital literacy: a conceptual framework for survival skills in the digital area”. *Journal of Educational Multimedia and Hypermedia* 3/1, 93-104.
- Graddol, D. (2006). *English next*. London: British Council.
- Leffa, V. J. (1988). “Metodologia do ensino de línguas”. En: H. I. Bohn e P. Vandresen (eds.), *Tópicos em lingüística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 211-236.
- Moran, J. M. (2001) “Novos desafios na educação – a internet na educação presencial e virtual”. En: T. M. Porto (ed.), *Saberes e linguagens de educação e comunicação* (pp. 19-44), Pelotas: UFPel.
- Paiva, V. L. M. O. (2001a). “Aprendendo inglês no ciberespaço”. En: V. L. M. O. Paiva (ed.), *Interação e aprendizagem em ambiente virtual* (pp. 270-305), Belo Horizonte: UFMG.
- Paiva, V. L. M. O. (2001b) “A www e o ensino de inglês”. *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada* 1/1, 93-116.
- Salomão, A. C. B, Silva, A. C. e Daniel, F. G. (2009). “A aprendizagem colaborativa em tandem: um olhar sobre seus princípios”. En: J. A. Telles (ed.), *Telet@ndem: um contexto virtual, autônomo e colaborativo para aprendizagem de línguas estrangeiras no século XXI* (pp. 73-90, Cap. 4), Campinas: Pontes.
- Souza, R. A. (2007). “Aprendizagem em regime tandem: uma alternativa no ensino de línguas estrangeiras on-line”. En: J. C. ARAUJO (ed.), *Internet & Ensino: novos gêneros, outros desafios* (pp. 205-220), Rio de Janeiro: Lucerna.
- Telles, J. A. e Vassallo, M. L. (2009). “Ensino e aprendizagem de línguas em tandem: princípios teóricos e perspectivas de pesquisa”. En: J. A. TELLES (ed.), *Telet@ndem: um contexto virtual, autônomo e colaborativo para aprendizagem de línguas estrangeiras no século XXI* (pp. 21-42, Cap. 1), Campinas: Pontes.

- (2006). “Foreign language learning in-tandem part I: a critical review of its theoretical and practical principles”. *The ESPECIALIST* 27/1, 83 –118.
- Warschauer, M. (1997). “Computer-mediated collaborative learning: theory and practice”. *The modern language journal* 81/4, 470-481.
- Warschauer, M., Shetzer, H. e Meloni, C. (2000). *Internet for English teaching*. Virginia: Tesol.

Sobre el Autor

Ms. Ana Carolina de Laurentiis Brandão: Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, Brazil